

REFLEXÕES ACERCA DO CORPO NA IDADE MÉDIA CASTELHANA: UMA BREVE ANÁLISE DO POEMA DE MIO CID

REFLECTIONS ABOUT THE BODY IN THE MIDDLE AGE OF CASTILLA: A BRIEF ANALYSIS OF THE POEM OF MIO CID

Lívia Maria Albuquerque Couto¹⁰²

Artigo recebido em 29 de abril de 2021

Artigo aceito em 25 de agosto de 2021

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo analisar o corpo no período do medievo. Dessa forma, como as representações da Igreja Cristã afetou a visão social de homens e mulheres. Com o intuito de exemplificar nossa breve análise, utilizaremos a situação de alguns personagens no *Poema de Mio Cid*, para observar a situação de homens e mulheres no medievo castelhano.

Palavras-Chave: Idade Média, Estudos de Gênero, Poema de Mio Cid.

Abstract:

This article aims to analyze the body in the medieval period. In this way, how the Christian Church's representations affected the social vision of men and women. In order to exemplify our brief analysis, we will use the situation of some characters in the Poem by Mio Cid, to observe the situation of men and women in the medieval Castilian..

Keywords: Middle Ages, Gender Studies, Poem by Mio Cid.

¹⁰² Mestra em História (PROHIS/UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa *Dominium*: estudos sobre sociedades senhoriais (CNPq/UFS). E-mail: couto.livia@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4175-1532.

Introdução

Podemos considerar que a figura da mulher abordada sob o olhar dos medievalistas Georges Duby e Jacques Le Goff, são semelhantes, pois, ambos defendem que a Idade Média se tratou de um período absolutamente masculino. E afirmam que o pecado original, “fonte da desgraça humana”, transformado posteriormente em pecado sexual, marcou a vida das mulheres no medievo. Para estes dois autores, a sociedade medieval estava inserida em diversos conflitos: Deus e o homem, a mulher e o homem, a cidade e o campo, a riqueza e a pobreza, fé e razão, violência e paz, e uma das principais tensões estaria, segundo Le Goff¹⁰³, entre o corpo e a alma, especialmente tensões sobre o próprio corpo.

Além de utilizar como referencial teórico os estudos de Duby e Le Goff, nos valeremos do conceito de gênero da historiadora Joan Scott, para fazer uma breve reflexão acerca das mulheres e homens na sociedade medieval castelhana. Através deste conceito, percebemos a importância de considerar aspectos masculinos e femininos sob o mesmo olhar, para que não haja favorecimento de apenas um lado. Segundo a historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, é necessário fazer ponderações sobre o conceito dos discursos de gênero para apontar um caminho na análise histórica. Para ela, “a constituição dos discursos, é inseparável do social” (FRAZÃO DA SILVA, 2002. p. 194-223). Dessa forma, consideramos as relações de gênero tanto como categoria analítica, quanto processo social, constituídos por e através de partes inter-relacionadas, isto é, cada parte não tem significado ou existência sem a outra, são inter-dependentes.

¹⁰³ LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 3ª edição. p. 25.

Com relação a metodologia de comparação histórica feita em nossas reflexões, utilizaremos o artigo, *Comparison and Beyond*¹⁰⁴, do historiador alemão Jürgen Kocka como base. Segundo este autor, empregar o método comparativo em História, “significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetos intelectuais” (KOCKA, 2003, p. 39). E através desta comparação podemos observar diferenças e/ou similitudes em situações específicas da sociedade medieval castelhana.

Idade Média: idade dos homens

Através dos estudos de Jacques Le Goff, percebemos que através da reforma gregoriana e do Concílio de Latrão a Igreja Cristã Medieval, passou a seguir um novo modelo, o monaquismo, isto afetou o comportamento de clérigos e laicos, os primeiros deveriam “abster-se de verter o que provoca a corrupção da alma e que impede o espírito de descer: o esperma e o sangue. Instala-se dessa forma uma nova ordem, um mundo de celibatários” (LE GOFF, 2011. p. 42). Já os laicos, “deverão se servir de seus corpos de maneira salutar e salvadora no interior de uma sociedade aprisionada no casamento e no modelo patrimonial, monogâmico e indissolúvel.” (LE GOFF, 2011. p. 42).

Nesse contexto, Georges Duby afirmou que a Igreja Cristã Medieval se esforçou, dentro da instituição do casamento, para corrigir diversos costumes laicos, o principal seria o “uso imoderado dos órgãos sexuais”,

¹⁰⁴ KOCKA, Jürgen. *Comparison and Beyond*. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, fev. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590801?seq=1>. Último Acesso: 25/04/2021.

tolerando apenas a “cópula justa”. Dessa forma o casamento era considerado um mal menor (DUBY, 2011. p. 35).

A transformação do pecado original em pecado sexual foi possível graças ao pensamento simbólico que dominava a sociedade medieval. Através da análise de Le Goff, em seu livro *O Imaginário Medieval*¹⁰⁵, percebemos os “modelos” de Maria e Cristo a serem seguidos. A primeira, manteve-se virgem no casamento; e o segundo, permaneceu solteiro. Somados a esses modelos sociais, citamos também os textos paulinos, que serviram de base para o antimatrimonialismo no período medieval¹⁰⁶.

Dessas consequências corporais acerca do pecado original, os representantes da Igreja Cristã Medieval tiraram conclusões extremas:

na Gênese, o pecado original é um pecado do espírito que consiste em conceder o apetite de saber e de desobedecer a Deus. Não há nos Evangelhos nenhuma declaração do Cristo acerca do pecado original. Clemente de Alexandria (v. 150-215) foi o primeiro a relacionar o pecado original com o acto sexual. É certo que, segundo a Gênese, as principais consequências do pecado original eram a perda da familiaridade divina, a concupiscência, o sofrimento (no trabalho para o homem e no parto para a mulher) e a morte. Mas foi Agostinho que, por intermédio da concupiscência ligou definitivamente o pecado original à sexualidade (LE GOFF, 1994. p. 161).

Nesse sentido, podemos perceber que o sexo feminino possuía além de uma insubordinação corporal, uma também espiritual, pois, as

¹⁰⁵ Modelo de religiosidade e de organização da vida comunitária que serviu de orientação para os ideais religiosos da Igreja Católica.

¹⁰⁶ Os escritos de Paulo insistiam na oposição da carne ao espírito, via na carne a principal origem do pecado e, embora aceite o casamento, entende-o como a pior solução, aquela que seria melhor evitar. Le Goff acredita que o Eclesiástico é bastante antifeminista, já que a Igreja classifica o valor e a fecundidade dos homens e das mulheres conforme suas virgindades (LE GOFF, 1994).

mulheres passaram a ser consideradas fracas e dependentes dos homens. Elas assumiriam um papel secundário, já que não eram consideradas nem o equilíbrio nem a completude dos homens. Adquirindo nessa interpretação, o papel de seres incompletos que necessitavam de proteção. Por este motivo, quando não se casavam eram levadas a monastérios para ficarem sob os cuidados da Igreja. Le Goff (2011), observou que essa interpretação da Bíblia foi totalmente desfavorável ao feminino. Começando por sua criação “retirada da costela”, entende-se que a mulher seria um ser inferior que devia submissão aos homens, considerada por muitos como, por exemplo, Aristóteles, um “macho defeituoso”. Duby (2011), ao analisar esse período considerou a Idade Média decididamente masculina, sendo que às mulheres estavam reservados locais secundários e submissos .

Entre práticas e representações: o valor dos corpos de homens e mulheres na Idade Média

Através de uma análise social no medievo é possível determinar práticas corporais e conseqüentemente, a sequência de proibições dessas. Le Goff (2011), apontou que do lado dos ricos a poligamia era praticada, inclusive, sendo admitida, já do lado dos pobres a monogamia, instituída pela Igreja era mais respeitada. Porém, Filipe Augusto, rei da França (1180-1223), foi o último a praticar poligamia, já que acabou excomungado. Percebemos que a partir do século XII o sistema de controle corporal e sexual sofreu uma “evolução”. Então, podemos afirmar que a Idade Média oscilou entre a liberdade sexual e sua repressão. Nesse sentido, Duby (2011), afirmava que a “guerra não é mais entre o carnal e o espiritual, mas sim entre o natural e aquilo que o contraria” (DUBY, 2011. p. 17).

Com a ascensão do chamado “amor cortês”, a figura feminina atingiu uma fase romântica, que, segundo Georges Duby:

houve de fato, promoção da condição feminina mas, ao mesmo tempo, igualmente viva, uma promoção da condição masculina, de maneira que a distância permaneceu a mesma, e as mulheres continuaram sendo ao mesmo tempo temidas, desprezadas e estritamente submissas, do que aliás a literatura de cortesia dá testemunho em alto grau (DUBY, 2011. p. 71).

É interessante destacar que tanto Georges Duby, quanto Jacques Le Goff consideravam o fato de que os homens da Idade Média possuíam um misto de medo e admiração para com as mulheres. Mas o medo que, principalmente, as instituições eclesásticas disseminavam, invadiam o imaginário e como consequência disso, acabavam por desprezá-las.

A figura feminina passou a ter “valor” se considerada sua virgindade, e em se tratando do casamento, por sua fidelidade. Desse modo, não só as mulheres, mas como também os monges passam a ser valorizados, nesse aspecto. Segundo Le Goff (2011), “abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes” (LE GOFF, 2011. p. 11). Conforme Frazão da Silva, a Igreja buscou implantar um modelo de sociedade, na qual todos os seus membros deveriam ter espaços e funções definidos e utilizavam textos hagiográficos como estratégia de propagar este ideal de sociedade (FRAZÃO DA SILVA, 2002. p. 194-223).

Feminilidade e Masculinidade no Poema de Mio Cid

Nesse contexto, com o intuito de demonstrar esse quadro que estamos analisando, vamos abordar a presença de três personagens específicas no *Poema de El Cid*: são estas, *Doña Jimena*, *Doña Sol* e *Doña*

Elvira (mulher e filhas de *El Cid*, respectivamente). O Poema foi escrito em 1207, apesar de assinado como anônimo, defendemos a tese de ter sido escrito pelo clérigo-poeta Per Abbat¹⁰⁷. O documento foi composto a partir de fatos históricos sobre a vida de Rodrigo Díaz de Vivar, o *El Cid*, cavaleiro que viveu no século XI na região de Castela. Levaremos em consideração na obra o seu momento de produção e o contexto social no qual o autor estava inserido, além do seu posicionamento dado às mulheres presentes no Poema.

Para fins de estudo, o Poema encontra-se dividido em três partes: *Desterro do Cid* (Cantar I), *Bodas das Filhas do Cid* (Cantar II) e *A Afronta de Corpes* (Cantar III). Sendo exilado por Alfonso VI no primeiro cantar, *El Cid* deixa *Doña Jimena* e suas filhas, no monastério de São Pedro de Cardeña, sob os cuidados do *Bispo Don Sancho*, ficando o *Cid* encarregado de enviar uma quantia financeira para que este cuidasse de sua mulher e filhas. Dessa forma, percebemos a importância dos monastérios na sociedade medieval, neste caso, castelhana, já que além de servirem como lugar de repouso, prestariam um serviço de utilidade pública. Por conseguinte, recebiam um fluxo de doações constantes.

O segundo Cantar (*Bodas das Filhas do Cid*), retrata as campanhas do *Cid* na região do Levante e a conquista de Valência. No final dessa parte do Poema, ocorre um evento essencial para nossa análise: os eventos que levam Rodrigo Díaz a dar a mão de suas filhas aos *Infantes de Cárion*. Contudo, como ele ainda estava exilado e suas filhas se encontravam em Castela, o responsável por entregar *Doña Elvira* e *Doña Sol* aos Infantes, foi o rei Afonso VI.

O terceiro Cantar (*A Afronta de Corpes*), trata da restituição moral e financeira do *Cid*, já que, por motivo de vingança, suas filhas foram

¹⁰⁷ Em sua dissertação, Alvaro (2008) faz uma análise sobre essa questão de autoria, e nos baseamos nesta para afirmar que o Poema foi escrito por Per Abbat.

afrentadas¹⁰⁸ pelos Infantes. Rodrigo Díaz, ao saber do acontecido vai cobrar uma resposta de Alfonso VI, visto que, ainda se considerava vassalo do monarca. Assim, o rei tinha por obrigação resolver esta situação em que El Cid foi desrespeitado. Importante destacar que em nenhum momento o Poema trata o acontecido do ponto de vista de *Doña Sol* e *Doña Elvira*, elas são retratadas como meros “feudos”, nessa relação. No final deste Cantar, Per Abbat nos informar como as filhas do *Cid* conseguiram novas bodas com homens oriundos de uma família dinástica mais poderosa. Os motivos desta consideração por parte do clérigo-poeta, também é um fator a ser destacado, já que ele afirma como o *Cid* conseguiu reparação ao casá-las com os *Infantes de Navarra*, que trouxe alianças políticas importantes para Rodrigo Díaz.

É interessante destacar que no Poema percebemos uma relação assexuada entre *El Cid* e sua esposa, *Doña Jimena*, não sendo possível enxergar demonstrações de afeto carnal envolvendo o casal. Apesar de se preocuparem um com o outro, a relação descrita entre o *Cid* e sua esposa é sempre feita de cima para baixo, quase como uma relação de vassalagem envolvendo os dois. Alvaro (2008), utiliza essa situação para argumentar que um clérigo teria escrito o Poema, pois, seria um elemento utilizado por ele para destacar a importância da chamada “cópula justa”, defendida pela Igreja. Dessa forma, utilizaria essa relação para exemplificar para a sociedade castelhana um ideal de matrimônio.

Dona Jimena trata o *Cid* da mesma maneira como as pessoas que o admiravam e “idolatravam”. Nesse sentido, percebemos que:

lo que más pone de manifiesto las cualidades morales del Cid en el poema es, quizá, la frecuente presencia de los personajes femeninos. Éstos no toman inciativas

¹⁰⁸ Após o casamento com os Infantes de Cárrión, *Doña Elvira* e *Doña Sol*, sofreram agressão física e sexual dos seus maridos e foram abandonadas na estrada. Eles queriam se vingar de Rodrigo Díaz, mas como não podiam, resolveram descontar em suas filhas, sabendo que de alguma forma essa afronta o atingiria.

y rara vez tienen voluntad propia, pero dicen mucho y reaccionan con frecuencia; a veces, incluso vemos al Cid a través de sus ojos (SMITH, 2001. p. 85-86).

Outra situação que merece destaque, ocorre no segundo Cantar, quando as mãos das filhas do *Cid* são entregues ao matrimônio, graças à mediação feita por *Alfonso VI*. Elas não foram consultadas se queriam, ou não, se casar com os *Infantes de Cárrion*, apenas acatam a decisão de seu pai. E quando *Doña Sol* e *Doña Elvira* são ultrajadas pelos *Infantes* a honra de seu pai é que foi “manchada” (ALVARO, 2008. p. 56).

Com base nessas análises, percebemos como as relações sociais ocorriam. Segundo Duby:

assim se reforça ainda mais essa estrutura das sociedades nobres, na qual em geral a esposa sai de uma parentela mais rica e mais gloriosa do que a do seu marido – o que não deixa de repercutir nos comportamentos e nas mentalidades e de reforçar por exemplo esse orgulho testemunhado pelos escritos genealógicos, em relação à particular “nobreza” da ascendência materna. Por fim, essas circunstâncias explicam o fato de, nas negociações matrimônias durante o século XII, o senhor intervir com frequência cada vez maior junto aos pais e, por vezes, sua decisão suplantar a deles – seja porque ele sente o dever de encontrar esposas para os cavaleiros, os filhos de seus “amigos” (...) (DUBY, 2011. p. 25).

Através dessa citação, conseguimos visualizar a situação de *Doña Elvira* e *Doña Sol*, como meros instrumentos de feudalidade porque o casamento foi realizado ainda que a despeito das desconfianças nutridas pelo *Cid* em relação àqueles jovens *Infantes*. Uma vez que *Alfonso VI*, se interpõem como verdadeiro responsável por aquela união. Mas, é graças a relação de vassalagem e suserania entre *El Cid* e o soberano, que atribui à *Alfonso VI* a obrigação de reparar um erro que,

em última instância, indiretamente, pode ser atribuído ao mesmo. E como desfecho dessa história, as filhas do *Cid* são desposadas pelos *Infantes de Navarra*, ressaltando o destaque do autor do Poema, ao enaltecer que estes são oriundos de uma casa dinástica mais poderosa e respeitada que os seus primeiros maridos.

Conclusão

Acreditamos que o Poema está ligado à questão da educação cortês. Dessa forma, “modelos” foram apresentados: *El Cid*, o cavaleiro de índole inquestionável, que mesmo sendo exilado continuou a cumprir as ordens e zelar pelo reinado do seu rei e senhor; *Doña Jimena*, a companheira fiel e submissa, e *Doña Sol* e *Doña Elvira*, filhas obedientes e seguidoras das ordens de seu pai. A única coisa que seria atípica foi o comportamento de *Jimena*, pois percebemos que há diferença entre o seu tratamento para com o de suas filhas, por exemplo. Segundo Zierer, “as mulheres valorizadas no medievo estão geralmente ligadas a algum homem. São vistas como a filha, irmã ou mulher de alguém importante” (ZIERER, 2003). Então, pelo fato desta estar mais próxima ao *Cid* do que suas filhas, suas atitudes são, de certa forma, mais exaltadas do que estas últimas, como se fosse uma representante direta das vontades dele.

Percebemos que a visão dualística da mulher, ora semelhante à virgem Maria, ora semelhante à pecadora Eva, está também presente nas sociedades do século XI e XIII na região de Castela. O *Poema de Mio Cid*, procurou demonstrar qual seria o ideal tanto para as mulheres, quanto para os homens, e como deveriam se comportar a luz do pensamento clerical, pois diante de Eva, Maria aparece como uma

redentora. É a beleza sagrada diante da beleza profana.

Dessa forma, Eva e Maria constituíram os dois polos da beleza feminina na Idade Média.

Uma das alternativas para que Georges Duby e Jacques Le Goff consideraram a sociedade medieval tipicamente masculina, estaria em torno da problemática de que a maior parte da documentação, por eles estudada, fora escrita sob o olhar masculino e clerical. Dessa forma, quase não há situações em que a figura feminina é exaltada. Porém, isso não quer dizer que durante a Idade Média não existiram história das mulheres ou que a vida dos homens possa ser mais importante que a do sexo feminino.

A interpretação exaltada da Bíblia, transformando o “pecado original”, em um pecado sexual “já que era mais fácil convencer o bom povo de que a ingestão da maçã decorria da copulação mais do que do conhecimento, a oscilação ideológica e interpretativa instalou-se sem grandes dificuldades” (LE GOFF, 2011. p. 51) trouxe grandes transformações para a sociedade.

A Igreja difundia funções específicas para homens e mulheres utilizando como justificativa a sua criação. Nesse sentido, as mulheres seriam inferiores, pois saíram da costela do homem. Contrapondo esta visão Tomás de Aquino afirmou:

mantém uma igualdade teórica entre o homem e a mulher, observando que, se Deus quisesse fazer da mulher um ser superior ao homem, ele a teria criado de sua cabeça e, se decidisse fazer dela um ser inferior, ele a teria criado de seus pés. Ora, ele a criou do meio de seu corpo para ressaltar sua igualdade (LE GOFF, 2011. p. 55).

Para os homens, a Igreja fez uma regulamentação sem precedentes da guerra, eles tinham que evitar o derramamento de

sangue de maneira pecaminosa. Essa ideia só foi deixada de lado quando o cristianismo, tornado religião de Estado, se vê diante das ameaças “bárbaras” ou “heréticas” e, conforme Santo Agostinho, havia a necessidade de uma “guerra justa” (*bellum justum*¹⁰⁹). É importante destacar, que na Idade Média o sangue foi instrumento das relações entre as duas ordens superiores desta sociedade: a dos *oratores* e *bellatores*. Assim, o sangue se tornou o pilar da hierarquia social entre clérigos e leigos, porque a nobreza gradualmente se converteu a essa concepção. Esse era um dos assuntos, segundo Le Goff (2011), em que mais uma vez as mulheres mostravam sua inferioridade, já que elas menstruavam, e fazer sexo com uma mulher nesse período ocasionaria o nascimento de “crianças defeituosas”, com lepra etc.

Aos homens também eram proibidos qualquer tipo de prazer carnal. A dominação ideológica e teórica se manifestou por meio de manuais destinados aos confessores, os penitenciais, em que são repertoriados os pecados da carne, associando-os a castigos e penitências. Como por exemplo, o manual do bispo de Worms, intitulado *Decreto*, e escrito no início do século XI.

Esse controle do sexo no matrimônio também foi atribuído à proibição do ato durante certos períodos, como as quaresmas normais (Páscoa, Pentecostes, Natal), e em outros períodos de jejum e de continência. Isso vai influenciar tanto as mentalidades medievais, quanto afetar a demografia, pois, restava, em torno de 180 ou 185 dias, que não era de abstinência, isto é, que a liberdade sexual era autorizada, mas ressalvando que esta deveria ser utilizada apenas com finalidade de procriação.

¹⁰⁹ Guerra santa foi uma guerra causada por diferenças entre as religiões. São Tomás de Aquino desenvolveu estes critérios, e os seus escritos foram usados pela Igreja Católica Romana para regulamentar as ações dos estados europeus. O termo “guerra religiosa” foi usado para descrever os conflitos entre cristãos e mouros.

Por fim, percebemos que não é possível considerar que apenas o sexo feminino sofreu com a “ascensão” da Igreja e com a interferência desta na mentalidade da sociedade medieval. Os homens também passaram por diversas mudanças, e foram submetidos a muitas situações de controle. Com a imposição do casamento monogâmico e a regulamentação dos períodos de abstinência sexual, a figura feminina teria por finalidade completar a figura masculina, assim como percebemos no exemplo de *Dona Jimena* com o *El Cid*. Lembrando que o casamento era considerado uma última opção, pois o ideal era a castidade de ambos os sexos. Logo, através de “criação” de modelos sociais, como vistos no *Poema de Mio Cid*, a Igreja Cristã Medieval buscou de diversas formas controlar os corpos de homens e mulheres no medievo.

Referências Bibliográficas:

Documentação:

ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Cátedra, 2001.

FLETCHER, Richard. **Em Busca de El Cid**. São Paulo: Unesp, 2002.

SMITH, Colin. Introducción. In: ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Catedra, 2001. p. 17-123.

Bibliografia Geral:

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação

(Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia

e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DUBY, Georges. **Idade Média. Idade dos homens**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. **Eva e os Padres: Damas do Século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 3ª edição. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário Medieval**. Trad. Manuel Ruas. Editorial Estampa: 1994.

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. In: **Cronos: Revista de História**, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, fev. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590801?seq=1>. Último Acesso: 25 de abril de 2021.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

VEYNE, Paul (orgs.). **Historia da Vida Privada I: do império**

romano ao ano mil. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

TERESA LEÓN, María. **Doña Jimena Díaz de Vivar: Gran Señora de Todos los Deberes.** Madrid: Editorial Castalia, 2004.

ZIERER, Adriana. Mécia, Matilde e Beatriz: Imagens Femininas Refletidas nas Rainhas de Portugal do Século XIII. **Mirabilia: Revista Eletrônica da Antiguidade e Idade Média**, n. 3, Dez. 2003. Disponível em <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num3/artigos/art8.htm>>.

Último Acesso 29 de abril de 2021.